

Palavra e música: um olhar para o ancestral comum

Word and music: a glance at the common ancestor

Palabra y música: una mirada al ancestro común

Betânia Parizzi

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/Brasil)

betaniaparizzi@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8319-794X>

João Gabriel Marques Fonseca

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/Brasil)

jgmbhz@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6024-8126>

RESUMO

Este texto, escrito sob a forma de um ensaio, apresenta uma reflexão teórica sobre as possíveis origens comuns da palavra e da música. Partindo de estudos recentes sobre os processos de comunicação nos reinos animal e vegetal, o texto passa por uma discussão sobre a evolução da comunicação entre os vertebrados, por alguns conceitos oriundos da Arqueologia Cognitiva, para chegar finalmente ao *Homo sapiens*. A seguir, é discutida a comunicação entre adultos e bebês, momento anterior à entrada a criança no mundo dos símbolos – o mundo da palavra – e são apresentados os conceitos de Parentalidade Intuitiva e Musicalidade Comunicativa. O texto se encerra com uma reflexão sobre o “musical” como um dos fundantes da vida humana.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem falada; Música; Processos comunicativos naturais; Musicalidade comunicativa; Parentalidade intuitiva.

* Sobre as autoras ver página 403



ABSTRACT

This text, written as an essay, presents a theoretical reflection about the possible common origins of word and music. Starting from recent studies about the communication processes in the animal and vegetal kingdoms, the text goes through a discussion about the evolution of communication among vertebrates, some concepts from Cognitive Archeology, to arrive finally at Homo sapiens. Next, the communication between adults and babies is discussed, that moment before the child enters the world of symbols – the world of words – and the concepts of Intuitive Parenting and Communicative Musicality are presented. The text ends with a reflection on the "musical" as one of the founders of human life.

KEYWORDS: *Spoken language; Music; Natural communicative processes; Communicative Musicality; Intuitive Parenting.*

RESUMEN

Este texto, escrito en forma de ensayo, presenta una reflexión teórica sobre los posibles orígenes comunes de las palabras y la música. Partiendo de estudios recientes sobre los procesos de comunicación en los reinos animal y vegetal, el texto pasa por una discusión sobre la evolución de la comunicación entre los vertebrados, algunos conceptos de la Arqueología Cognitiva, para llegar finalmente al Homo sapiens. A seguir, se habla de la comunicación entre los adultos y los bebés, que es el momento previo a la entrada del niño en el mundo de los símbolos – el mundo de la palabra – y se presentan los conceptos de Parentalidad Intuitiva y Musicalidad Comunicativa. El texto termina con una reflexión sobre el "musical" como uno de los fundantes de la vida humana.

PALABRAS CLAVE: *Lengua hablada; Música; Procesos comunicativos naturales; Musicalidad Comunicativa; Parentalidad Intuitiva.*

1 Nos bastidores da palavra e da música

Uma compreensão mais precisa das relações ancestrais existentes entre a música e a linguagem falada alarga amplamente o horizonte de conhecimento sobre essas duas dimensões tão caracteristicamente humanas. A compreensão dessas relações exige, no entanto, uma disposição para alargar o campo do olhar e retroagir na escala evolutiva dos seres vivos para compreender a origem comum dessas duas linguagens humanas.

A interação com o ambiente e com outros seres vivos é um dos determinantes da preservação da vida. Todo ser vivo, em sua dinâmica existencial, precisa sentir e interagir com o ambiente e com outros seres vivos. Todo ser vivo, para continuar vivo, precisa sentir, agir, “inter-agir” e “re-agir”.

As interações entre os seres vivos, quaisquer que sejam eles, são extremamente complexas e variadas e abrangem uma gama enorme de recursos que incluem processos físicos (contatos), químicos, luminosos, eletromagnéticos e uma infindável variedade de sons e movimentos. Todos os seres vivos, dos vírus aos primatas, interagem entre si e com o meio ambiente utilizando todos esses recursos.

Nos últimos anos, aos incontáveis estudos sobre as interações entre seres vivos do reino animal têm sido agregados muitos estudos sobre as interações no âmbito do reino vegetal. Esses estudos são de tal forma contundentes que foi criado, a partir deles, o termo “virada vegetal” para defini-los (MANCUSO, 2021; COCCIA, 2018).

Com a “virada vegetal”, as plantas se tornaram tema de especulações não apenas científicas, mas também e de modo enfático, filosóficas. Assim o olhar humano sobre os vegetais passou de um estado de passividade negligente a uma espécie de culto. A Botânica que, por muito tempo, aparentava um sentimento de inferioridade em relação à Zoologia, e se limitava à tarefa de examinar, revisar e classificar a imensa variedade das formas vegetais, protagonizou uma revolução espetacular e abriu um insólito caminho com o reconhecimento da inteligência das plantas.

Voltando às interações do reino animal, os vertebrados ampliaram muito o repertório de movimentos e sons em relação aos invertebrados e seu processo de comunicação se tornou, por isso, muito mais sofisticado. Basta prestarmos uma atenção despretenhiosa aos movimentos (gestos) e sons que cães, gatos, papagaios e outras aves e mamíferos domésticos utilizam em suas comunicações para percebermos a extraordinária complexidade desses recursos comunicativos: um conjunto complexo de miados, latidos, pios e outras vocalizações, olhares, movimentos das patas, da cabeça, do corpo, da cauda, das orelhas, das asas... E não devemos esquecer que, além desse sistema sonoro motor de comunicação, esses animais têm um sofisticado sistema de comunicação olfativo praticamente inacessível para nós humanos.

Para além dessas observações despretenhiosas dos animais domésticos, muitos estudos da comunicação por sons entre mamíferos revelam complexidades espantosas em muito animais. Dois exemplos extraordinários:

- Os golfinhos-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*) desenvolvem assobios específicos que eles usam como uma espécie de identificação individual. Esses sons se constituem numa espécie de “assinatura” individual que chegam a ser imitados com objetivos de comunicação;

algo próximo de “chamar o outro pelo nome”. Até esse momento isso só foi identificado nos golfinhos que são os únicos animais, além dos humanos, que demonstraram transmitir informações de identidade (JANIK et al. 2006).

- Um roedor da família dos esquilos, conhecido como cão-da-pradaria, usa sons específicos para identificar e diferenciar alguns tipos de predadores, algo como "palavras" descritivas (RODRIGUEZ, 2018).

A Etologia, o ramo da Zoologia que estuda a comunicação e o comportamento social de animais, nos sugere que a comunicação humana é, em última análise, uma complexificação e uma sofisticação da comunicação animal, fruto de milhões de anos de evolução adaptativa.

A Etologia se juntou à Arqueologia Cognitiva, uma subárea da Arqueologia cujo objetivo é a compreensão da construção, aplicação e transmissão do conhecimento nas sociedades humanas (SAVAGE et al, 2020; MITHEN, 2009). Esse grande conjunto de estudos sugere que algumas modificações na estrutura do corpo dos primeiros hominídeos foram decisivas para tornar o *Homo sapiens* um *expert* em gestualidade e sonorizações. Foram três as modificações corporais decisivas para a complexificação dos gestos e sons entre nossos ancestrais hominídeos: o bipedismo, o alongamento da laringe e o alargamento da cavidade oral (SAVAGE et al, 2020; MITHEN, 2009).

O bipedismo liberou as mãos da função de andar e a boca da função de carregar; abriu caminho para a “manipulação” de objetos e para a sofisticação da gestualidade – as modificações estruturais da laringe e da boca permitiram o desenvolvimento de um imenso do repertório de sonorizações único em toda a escala zoológica (SAVAGE et al, 2020; MITHEN, 2009).

Essa evolução de nossos ancestrais hominídeos abriu amplas possibilidades para o desenvolvimento de processos comunicativos mais refinados que acabaram por possibilitar o surgimento das características comunicativas de nossa espécie, tão evidentes nas interações iniciais entre adultos e bebês. É provável que essas interações sejam uma reprodução “em câmera rápida” da evolução dos processos de comunicação da espécie humana.

2 As interações iniciais adulto-bebê

O ser humano expressa e comunica suas experiências essenciais de vida (sentir, “re-agir” e “inter-agir”) por meio de linguagens complexas de gestos, sons e, de modo único no reino animal, de símbolos. A complexidade comunicativa do ser humano manifesta-se certamente desde o útero materno, mas torna-se evidente logo após o nascimento.

O motivador existencial fundamental do desenvolvimento dessas linguagens parece ser a necessidade imperiosa do ser humano de interagir com o outro ser humano. A partir dessa necessidade, o bebê imita ostensivamente o adulto até desenvolver e aprender a utilizar seus próprios recursos simbólicos.

Os bebês humanos nascem com verdadeira “obstinação” para interagir com o outro. Essa “obstinação” é acolhida, compartilhada e incentivada inconscientemente por pais e cuidadores, por meio de um comportamento inato e complexo dos adultos, nomeado como Parentalidade Intuitiva, que os habilita a proteger, alimentar, estimular e ensinar a seus bebês sua língua e sua cultura (PAPOUSEK, H., 1996; SHIFRES, 2007). A principal ferramenta operacional da Parentalidade Intuitiva é um outro comportamento instintivo nomeado como Musicalidade Comunicativa, habilidade inata de combinar vocalizações e gestos que permitem a comunicação dos adultos com os bebês (MALLOCH; TREVARTHEN, 2009). Neste caso, o termo Musicalidade nada tem a ver com sensibilidade ou talento para a música, sentido usual desta palavra.

A compreensão desses dois conceitos – Parentalidade Intuitiva e Musicalidade Comunicativa – é essencial para que se entenda o desenvolvimento da competência comunicativa nos bebês e sua consequente entrada nos universos da música e da palavra.

Nos momentos de interação, o bebê e o adulto ajustam suas vocalizações, seus olhares, seus gestos e contatos físicos de modo a trocar suas subjetividades, estabelecendo um diálogo intersubjetivo (MALLOCH; TREVARTHEN, 2009; TREVARTHEN et al 2019). Os recém-nascidos parecem buscar ativamente essa forma de comunicação, essencial para seu desenvolvimento cognitivo. Assim, o bebê treina o seu “equipamento fisiológico” necessário ao canto e à fala, através da imitação obstinada dos gestos, dos sons vocais e da mímica facial dos adultos (FONSECA; PARIZZI, 2020). Essa interação, movida pela Musicalidade Comunicativa, tem características próprias da música (timbres, alturas, intensidades e padrões rítmico-temporais peculiares), utilizadas tanto na fala dirigida aos bebês quanto

nos sons vocais produzidos por eles.

A forma como os adultos e crianças mais velhas falam os bebês é conhecida como “manhês” (PAPOUSEK, 1996). Embora varie um pouco em diferentes culturas (PARLATO-OLIVEIRA, 2019), na maior parte das culturas ocidentais, o “manhês” se caracteriza por: (1) um falar mais agudo (até duas oitavas acima da fala normal); (2) utilização de um andamento mais lento; (3) introdução de longas pausas com “trocas de turnos”, onde o adulto e bebê falam/vocalizam intermitentemente; (4) fala ritmada, e (5) utilização segmentos curtos de frases. Os adultos apresentam aos bebês modelos de sons vocais, estimulam a imitação desses sons, recompensam os bebês por sua atuação com sorrisos e afagos e, “didaticamente”, ajustam essas intervenções às possibilidades de vocalização da criança naquele momento. Em outras palavras: apresentam aos bebês o universo simbólico dos sons (das músicas e das palavras) e os introduzem a ele.

A Musicalidade Comunicativa, essa forma de comunicação inata que recorre a gestos e a vocalizações, é a base da música e da palavra e vai persistir na voz e na gestualidade por toda a vida (FONSECA; PARIZZI, 2020).

3 Das vocalizações às primeiras palavras

O choro é o ato sonoro-gestual inaugural da criança. Ele contém, de forma latente, todos os elementos da prosódia da fala e do canto: variações de intensidade e altura, “padrões” rítmicos e fraseado estão presentes no choro muito antes que as crianças iniciem suas “brincadeiras” vocais ou balbucios.

O desenvolvimento pré-verbal dos bebês pode ser dividido em três níveis de *expertise* vocal que começam a emergir gradativamente, estimulados pela Parentalidade Intuitiva dos pais/cuidadores (PAPOUSEK, 1996) e pela Musicalidade Comunicativa.

(1) O **primeiro nível** começa a se manifestar por volta do segundo mês de vida, quando a criança substitui progressivamente as vocalizações dependentes da respiração e torna-se capaz de produzir e modular, através de vogais, seus primeiros sons melódicos vocais.

(2) O **segundo nível** surge entre o terceiro e quinto mês de vida e se caracteriza pela expansão do repertório vocal do bebê, que evolui em direção às consoantes, por meio de um jogo exploratório.

(3) A partir dos cinco ou seis meses, a comunicação pré-verbal dos bebês caminha para o **terceiro nível** de *expertise*, caracterizado pela

capacidade da criança de reproduzir os “balbucios canônicos” – repetição de sílabas como “mamama ou dadada”. Essas sílabas canônicas são comuns a todas as línguas do mundo e representam as “unidades rítmicas mínimas” de todas as línguas faladas pelo ser humano (PAPOUSEK, 1996).

Após o aparecimento da capacidade de repetir sílabas (balbucios canônicos), nota-se uma importante modificação da relação dos pais e cuidadores com os balbucios do bebê: eles passam a atribuir um significado denotativo ao que é dito (PARIZZI, 2009), pois, intuitivamente, através do exercício da Parentalidade Intuitiva, atribuem significados às sílabas articuladas pelos bebês, nomeando pessoas, objetos e eventos próprios do ambiente da criança. Por essa razão, estes sons produzidos pelos bebês vão progressivamente se transformando em palavras.

Quando o bebê consegue falar as primeiras palavras distintas, os pais passam a interpretá-las, utilizando explicações racionais; a influência cultural e o pensamento racionalista tornam-se cada vez mais evidentes na atuação dos pais, que têm como objetivo o desenvolvimento da competência de seus filhos para falar.

Os sons emitidos pelos bebês para falar e para cantar vão se diferenciando progressivamente, ao longo do primeiro ano de vida e, no final deste período, as vocalizações dos bebês apontam, com maior nitidez, dois caminhos distintos – o do canto e o da fala (PARIZZI, 2009). Na etapa seguinte, os bebês passam a vocalizar pequenos fragmentos sonoros rítmico-melódicos, aparentemente como tentativa de imitar algo que está sendo cantado por seus pais ou cuidadores (PAPOUSEK, 1996). São “impulsos sonoros” de curta duração, constituídos basicamente de sonoridades das vogais equivalentes às primeiras palavras articuladas pelas crianças nessa mesma época, como “papato, nenén, dandá, au-au” etc. (PAPOUSEK, 1996; PARIZZI, 2009). O canto tende a privilegiar as vogais, e a fala as consoantes.

Assim, passam a ser nitidamente delimitados os territórios do falar e do cantar. A fala passa a ser utilizada pela criança com a finalidade de comunicação e as vocalizações passam a ser claramente percebidas como canto.

Com as palavras primordiais pronunciadas, a criança entra definitivamente no mundo simbólico das grandes linguagens humanas: a mímica facial, a gestualidade, a palavra, a música e os números – a Musicalidade Comunicativa originária (dos sons e gestos) desaguou nos símbolos.

Um símbolo, é “qualquer coisa que, além da impressão que causa em nossos sentidos, faz vir à nossa mente outra coisa” (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 85). Como consequência ou como parte desta sofisticação, o *Homo sapiens* desenvolveu a capacidade de pensar, além de sentir, agir, “re-agir” e “inter-agir”. O *Homo sapiens* desenvolveu a capacidade de elaborar ideias e de comunicá-las através dos símbolos. Além de tudo isso, talvez sejamos o único ser vivo capaz de pensar sobre si mesmo e sobre a sua própria existência.

4 Coda

Tudo que foi exposto nos permite afirmar que o “musical” é um dos fundantes da vida humana. A musicalidade inata, constituída pela simultaneidade de expressões vocais, visuais, gestuais e motoras que propiciam os primórdios da comunicação humana (DISSANAYAKE, 2009, p. 23), constitui a origem da capacidade inata dos humanos para fazer música e para se mover com ela (MALLOCH; TREVARTHEN, 2018). Essa forma de comunicação que atrai a atenção do bebê, sustenta seu interesse, cria e molda emoções é considerada a origem da relação prazerosa do homem com a música. Como os bebês nascem preparados e ávidos para se engajarem nessa forma de interação, pode-se afirmar que os seres humanos estão preparados de maneira inata para se envolver e responder à música (DISSANAYAKE, 2011).

A Musicalidade Comunicativa inata, que prescinde da palavra, é a força motriz que abre caminho para que a criança percorra a trajetória ininterrupta e inevitável em direção ao mundo dos símbolos, que perdurará por toda a sua existência. O modo como cada indivíduo vai utilizar os símbolos ao longo da vida é absolutamente peculiar e idiossincrásico e refletirá, em grande parte, a cultura em que está inserido.

Mas para além do sentido e código das palavras, a comunicação percorre a riqueza das modulações e das sonoridades. Como na música, essa prosa revela melodia, ritmo, harmonia e, em suas ressonâncias, a vida simbólica se organiza, desde antes do nascimento da criança (MELGAÇO, 2013, p. 10).

Assim, da Musicalidade Comunicativa inata – com suas dimensões sonoro-vocal e gestual - desaguam a música e linguagem falada, ambas moldadas pela cultura.

A Musicalidade Comunicativa originária persistirá nos gestos, nos olhares e na voz, responsável maior pelo significado conotativo das palavras:

Há duas expressões humanas de um estado mental – a palavra e a voz. Não há palavras sem voz, mas há voz sem palavras – no grito, no riso, no trauteio, na vocalize! – Ou seja, o canto sem palavras. Diferem uma da outra estas duas formas de expressão em que a palavra é, essencialmente, a expressão de um pensamento ou ideia, e a simples voz é a expressão de uma emoção. A voz trêmula que afirma, afirma com palavra e nega com a voz. A ideia e a emoção separam-se onde se unem (GIL, 1993, p. 95).

REFERÊNCIAS

COCCIA, E. **A vida das plantas – uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2018.

DISSANAYAKE, E. Homo musicus: are humans predisposed to be musical? **Annais do X Encontro de ciências cognitivas da música. Sociedad Argentina para las Ciencias Cognitivas de la Música (SACCoM)**, 2011. Disponível em <http://saccom.org.ar/v2016/sites/default/files/1.Dissanayake.pdf> Acesso em: 8 de agosto de 2022.

DISSANAYAKE, E. Root, leaf, blossom, or bole: concerning the origin and adaptive function of music. In: MALLOCH, S.; TREVARTHEN, C. (Org). **Communicative Musicality**. New York: Oxford University Press, 2009. p. 17-30.

FONSECA, J. G. M.; PARIZZI, B. A música (muito) além da música. **Pista: Periódico Interdisciplinar**. Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 38-46, fev./jun. 2020.

GIL, J. **O Espaço interior**. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

JANIK, V.M., SAYIGH, L.S., WELLS, R.S.: Signature whistle shape conveys identity information to bottlenose dolphins. **PNAS**, v.1 03, issue 21, p. 8293-8297, May 23, 2006. Disponível em <https://doi.org/10.1073/pnas.0509918103>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

MALLOCH, S.; TREVARTHEN, C. The Human Nature of Music. Malloch, Stephen N. and C. Trevarthen. “The Human Nature of Music.” **Frontiers in Psychology**, v. 9, 2018. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30337892/>. Acesso em: 22 de maio de 2021. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01680>

MALLOCH, S.; TREVARTHEN, C. Musicality: Communicating the vitality and interests in life. In: MALLOCH, S.; TREVARTHEN, C. (Org).

Communicative Musicality. New York: Oxford University Press, 2009. p. 1-11.

MANCUSO, S. **A planta do Mundo.** São Paulo: Ubu Editora, 2021.

MELGAÇO, R. G. Prefácio. In: BUSNEL, M. C.; MELGAÇO, R. G. (Org). **O bebê e as palavras: uma visão transdisciplinar sobre o bebê.** São Paulo: Editora Instituto Langage, 2013. p.11-12.

MITHEN, S. The Music instinct: the evolutionary basis of musicality. The evolutionary basis of musicality. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 1169, p. 3-12, 2009. doi: 10.1111/j.1749-6632.2009.04590. x. 2009.

OLIVEIRA J. C.; AMOROSO M.; LIMA A. G.M.; SHIRATORI K.; MARRAS, S.; EMPERAIRE, K. **Vozes vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta.** São Paulo: Ubu Editora, 2021.

PAPOUSEK, M. Intuitive parenting: a hidden source of musical stimulation in infancy. In: DELIÉGE I; SLOBODA J. (Ed.) **Musical beginnings.** New York: Oxford University Press, 1996, cap. 4, p. 88-112.

PARIZZI, M.B. **O desenvolvimento da percepção do tempo em crianças de dois a seis anos: um estudo a partir do canto espontâneo.** Tese de Doutorado. Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

PARLATO-OLIVEIRA, E. **Saberes do bebê.** São Paulo: Editora Instituto Langage, 2019.

RODRIGUEZ, M.R. **Vocalizations. The Prairie dog Project.** 2018. Disponível em <https://www.prairiedoghoogland.com/vocalizations>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

SANTO AGOSTINHO. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã.** São Paulo: Editora Paulus, 2002.

SAVAGE, P. E., LOUI, P., TARR, B., SCHACHNER, A., GLOWACKI, L., MITHEN, S., FITCH, W. T. **Music as a coevolved system for social bonding.** **Behavioral and Brain Sciences**, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1017/S0140525X20000333>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

SHIFRES, F. La ejecución parental: los componentes performativos de las interacciones tempranas. **Anais do VI encontro da SACCOM:** Universidade de la Plata, Argentina, 2007. p.13-17, 2007.

TREVARTHEN, C.; AITKEN, K.; GRATIER, M. **O bebê nosso professor.** São Paulo: Editora Instituto Langage, 2019.

Recebido em 27 de junho de 2022.

Aceito em 28 de novembro de 2022.

Publicado em 31 de julho de 2023.

SOBRE OS AUTORES

Betânia Parizzi é doutora pela Faculdade de Medicina da UFMG. Atua na Graduação e na Pós-Graduação, onde desenvolve pesquisas sobre música, cognição e desenvolvimento humano, com ênfase no desenvolvimento cognitivo-musical dos bebês e nas relações entre música e autismo. Coordena o Grupo de Pesquisa MUSICOG – Música, Cognição e Desenvolvimento Humano (CNPq). Atua na concepção, direção e performance de concertos para bebês. Autora de livros como *O bebê e a Música* (2020) e *PianoBrincando* (1993, 2020), além de artigos sobre música, cognição e Educação Musical.

João Gabriel Marques Fonseca é doutor em Medicina pela UFMG; professor da Escola de Música da UFMG e professor aposentado da Faculdade de Medicina da UFMG. Tem atuado nas áreas da História do Pensamento Musical, Neuropsicologia da Música e Música e Cognição. Faz parte do Grupo de Pesquisa MUSICOG – Música, Cognição e Desenvolvimento Humano (CNPq). Como médico, atua nas áreas de Clínica Médica, Saúde do Músico, Promoção da Saúde e Controle do Estresse. É autor de livros e de mais de uma centena de artigos em livros e periódicos médicos e musicais, nacionais e internacionais.